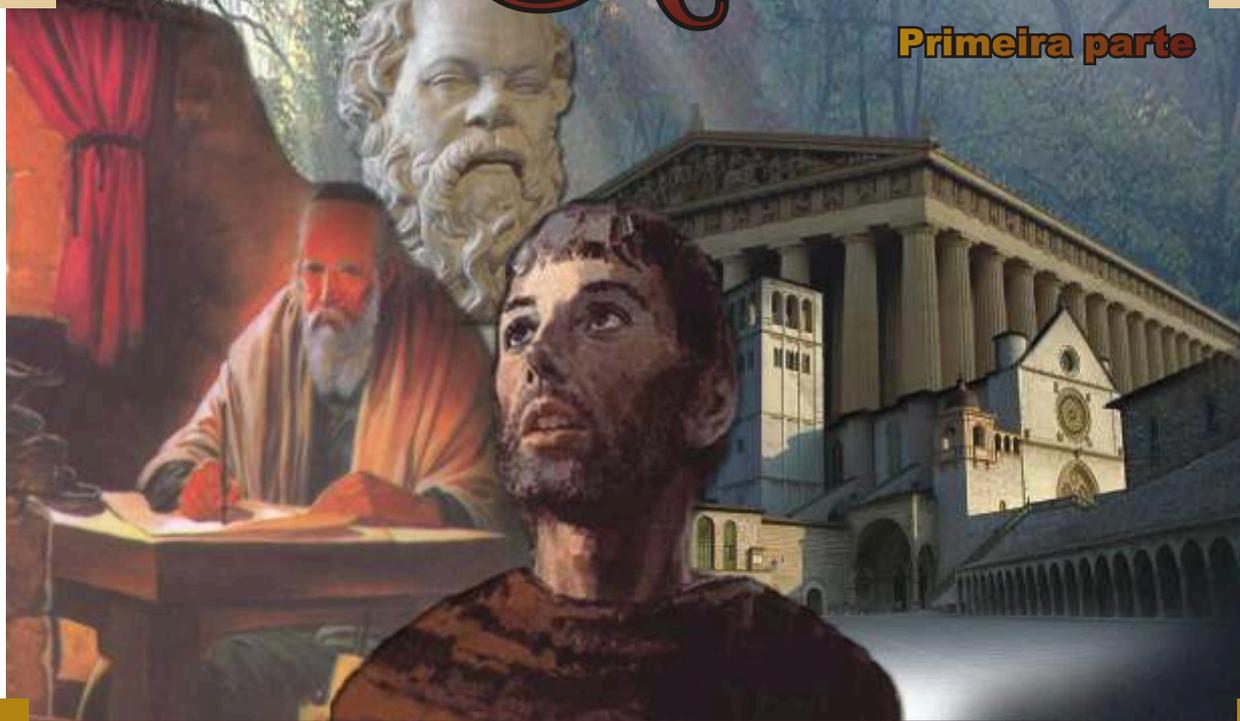


SEAREIRO

Órgão divulgador do Núcleo de Estudos Espíritas "Amor e Esperança" - Ano 7 - nº 61 - Novembro/2006
Distribuição Gratuita

Francisca de Assis

Primeira parte



Nesta edição:

A Caridade Material e a Caridade Moral
Finados de Pais Vivos
Cuidar do Corpo e do Espírito
E o Esperanto Vive! Um breve relato histórico

Chega às suas mãos mais uma edição da revista Seareiro.

Nesta edição iniciamos a história da vida missionária de Francisco de Assis. Com a visão espírita, não poderíamos deixar de falar sobre a reencarnação anterior deste grande espírito, quando reencarnou na Grécia sob o nome de Sócrates, o grande filósofo. Na edição seguinte continuaremos a história desta vida tão rica em dedicação ao próximo, que tanto sofreu e foi incompreendido em razão dos interesses clericais predominantes à época, por querer esclarecer sobre a Verdade do Cristo, sendo que na atualidade este ponto deixa muito a desejar, porque, ao que parece, o tempo parou e até em certos pontos as coisas pioraram, pois muitos tentam tirar sua vantagem material e colocá-la acima da Verdade do Cristo. Pouca coisa mudou!

Queremos refletir também neste editorial, comparando com a missão de Sócrates, sobre a falta de dedicação para com a educação moral das crianças e dos jovens.

Sócrates reencarna com a missão de semear a Verdade nos corações jovens, mas nós temos esta missão todos os dias, quando entramos em contato com qualquer jovem, seja ele nosso filho, vizinho ou mesmo aquele que não conhecemos, mas que chega até nós pelo “acaso”.

Reclamamos da falta de respeito dos jovens, mas oferecemos a eles algo superior? Infelizmente a resposta tem sido “não”.

Com isto, eles, os jovens, se apegam àquilo que se lhes oferecem. Drogas, violência, sexo desenfreado, bebidas e falta de respeito ao próximo.

Ofereçamos aos jovens (e aos adultos também) valores superiores, diferentes de tudo o que a maioria oferece, e eles poderão ter uma alternativa. Enquanto isto não ocorrer, continuaremos a sofrer com uma sociedade violenta e repleta das misérias e dores humanas.

O caminho e o futuro nós decidimos hoje. O livre arbítrio com que conduzimos os nossos atos hoje será o reflexo do nosso amanhã, individual ou coletivo.

Equipe Seareiro

**Publicação Mensal
Doutrinária-espírita**

Ano VII - nº 61 - Novembro/2006
Órgão divulgador do Núcleo de
Estudos Espíritas Amor e Esperança
CNPJ: 03.880.975/0001-40
CCM: 39.737

Seareiro é uma publicação mensal, destinada a expandir a divulgação da doutrina espírita e manter o intercâmbio entre os interessados em âmbito mundial. Ninguém está autorizado a arrecadar materiais em nosso nome e qualquer título. Conceitos emitidos nos artigos assinados refletem a opinião de seu respectivo autor. Todas as matérias podem ser reproduzidas desde que citada a fonte.

Direção e Redação

Rua das Turmalinas, 56 / 58
Jardim Donini
Diadema - SP - Brasil
CEP: 09910-500

Endereço para correspondência

Caixa Postal 42
Diadema - SP
CEP: 09910-970
Tel: (11) 4044-5889 com Eloisa
E-mail: contato@espiritismoeluz.org.br

Conselho Editorial

Ana Daguimar de Paula Amado
Fátima Maria Gambaroni
Geni Maria da Silva
José Roberto Amado
Marcelo Russo Loures
Reinaldo Gimenez
Roberto de Menezes Patrício
Rosângela Neves de Araújo
Rosane de Sá Amado
Ruth Correia Souza Soares
Silvana S.F.X. Gimenez
Vanda Novickas
William de Paula Amado
Wilson Adolpho

Jornalista Responsável

Eliana Baptista do Norte
Mtb 27.433

Diagramação e Arte

Reinaldo Gimenez
Silvana S.F.X. Gimenez

Impressão

Van Moorsel, Andrade & Cia Ltda
Rua Souza Caldas, 343 - Brás
São Paulo - SP
CNPJ: 61.089.868/0001-02
Tel.: (11) 6764-5700

Tiragem

12.000 exemplares

ÍNDICE

- GRANDES PIONEIROS:** Francisco de Assis - Primeira parte - Pág. 3
KARDEC EM ESTUDO: A Caridade Material e a Caridade Moral - Pág. 11
FAMÍLIA: Finados de Pais Vivos - Pág. 12
LIVRO EM FOCO: Missão Cumprida ... 413, ... - Pág. 13
TEMA LIVRE: Cuidar do Corpo e do Espírito - Pág. 13
CLUBE DO LIVRO: Religião dos Espíritos - Pág. 15
CANTINHO DO VERSO EM PROSA: Conversa de Irmã - Pág. 16
CALENDÁRIO: Novembro - Pág. 16
ESPERANTO: E o Esperanto Vive! Um breve relato histórico - Pág. 17
CONTOS: O Filho Ingrato - Pág. 18
ATUALIDADE: Eles estão vivos - Pág. 19;
Transformações - Pág. 19

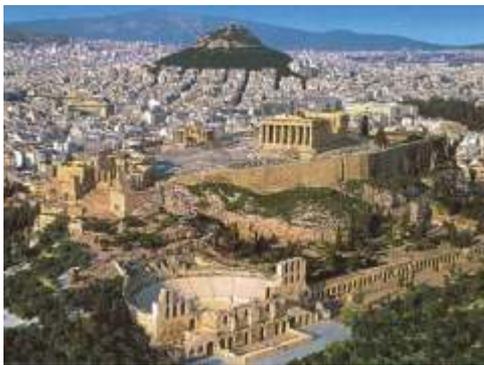
Francisco de Assis

Primeira parte

Para que possamos saber sobre a vida desse grande missionário, Francisco de Assis, será preciso voltarmos à história de muitos, muitos séculos atrás.

Iniciaremos por Atenas, capital da Grécia.

Nosso cenário nos mostra uma bela planície da Ática, onde colinas margeiam o Mar Egeu, dando um aspecto magnífico às suntuosas arquiteturas helênicas, próximas de Acrópole.



Cidade de Atenas - Grécia

Por toda parte dessa cidade, sente-se a cultura desse povo. Profundamente dádivosos na arte, dedicam-se a levar a beleza às outras nações terrenas.

Por essa época, Péricles governava, passando ao povo a educação e despertando-os para a civilização egípcia, com os princípios da espiritualização e humanização aos atenienses.

Situemo-nos, agora, ao plano da Espiritualidade Superior, onde o Mestre Jesus reúne os mais célebres e sábios espíritos, para colaborarem no aperfeiçoamento espiritual de Atenas.

Jesus, olhando atentamente a assembléia ali constituída anuncia: “Foram muitos os enviados do plano espiritual para Atenas, com a finalidade de semear a luz da verdade. Porém, aqueles que reencarnaram e se equivocaram estão levando a imaturidade por toda a Grécia, desviando o povo desse caminho. Mascaram a verdade sublime, com ideais fantasiosos.” E dirigindo-se a um dos componentes dessa importante reunião, chamado Sócrates, Jesus adita:



— Você Sócrates, com todo cabedal de sabedoria e dignidade retornará a Terra para essa importante missão de esclarecimento.

Sócrates com toda a humildade, própria de seu espírito, olhando fixamente o Mestre, indaga:

— Como poderei realizar tão importante

responsabilidade, Mestre, se outros mais sábios que eu não conseguiram?

— Você, filho, irá de encontro aos jovens e às crianças, disse-lhe o Mestre. Organizará pelas ruas de Atenas as suas pregações sobre a Sabedoria Divina, fazendo-os enxergar as falsidades daqueles que tentam perverter o ensino real. Você os fará crer no Amor, a Lei Maior do Pai Celestial.

Abraçando Jesus, Sócrates aceita voltar a Terra com a sublime missão de pregar, através da filosofia e da religião, a ciência da Verdade.

Após esse memorável encontro, Sócrates, já reencarnado, dá prosseguimento à missão a que viera.

Em praça pública de Atenas, reúne ele, muitas crianças e jovens para o exercício de uma matéria séria, pois é contrária a idéias de muitos dos pregadores, em torno da fé religiosa.



Sócrates é sempre esperado por todos, pois seu carisma os atrai.

Transcorre o tempo e Sócrates firma cada vez mais suas pregações em praça pública, reunindo grande número de adeptos, ajustados aos princípios da Lei de Deus única. Essa Verdade se propala e começa a incomodar os aproveitadores e falsários.

Vindo a conhecer Xantipa, uma das jovens defensoras das idéias colocadas por Sócrates, consorciam-se levados pela grande simpatia. Tomada de profundo ardor à causa e ao seu mestre, agora seu esposo, Xantipa passa a auxiliá-lo com presteza.

Sentindo a pressão estabelecida por toda elite grega, principalmente pelos “falsos profetas”, Xantipa tenta demover Sócrates de continuar ensinar aos

jovens em praça pública. Talvez fosse preferível que por algum tempo, essas aulas pudessem ser realizadas em sigilo, até que fossem esquecidas essas pregações e os seus propósitos.



Sócrates, procurava acalmar a esposa. Em seu interior havia algo, que o inspirava na continuação dos esclarecimentos, sublimados pela Lei do Amor e não do interesse pessoal.

Sendo caluniado e perseguido, foi ele procurado em seu lar pelos soldados trazendo ordens do Tribunal da Atenas para levá-lo preso.

Xantipa chorava convulsivamente, porém, Sócrates, com toda calma, toma-a em seus braços e diz-lhe:

— Querida esposa, toda semente lançada em nome do Criador tem alto preço. Falar de humildade e de aprendizado sem rebuscamento é um dever com que me comprometi a realizar. Se aqui me encontro é por seguir os preceitos de Deus.

— Mas você não fez mal a ninguém, querido esposo, exclama Xantipa!

— Melhor assim, irei para a prisão cumprir as ordens estabelecidas pelas leis dos homens. E dirigindo-se aos soldados entregou-se sem resistência.

Mesmo preso, Sócrates, continuava a receber os jovens que não se conformavam com aquela violência, a quem só falava exaltando o Bem. Com isso contribuía ainda mais para que os poderosos da Corte, pedissem a pena de morte para Sócrates, porque mesmo preso ele continuava a exercer o fascínio nas crianças e nos jovens e até mesmo entre os presos, por continuar a pregar uma forma, para a elite grega, estranha e sem propósitos.

Tudo fizeram para demover Sócrates das idéias que pregava em nome de Deus, como isso não aconteceu, foi ele levado a ingerir um veneno chamado cicuta, forma esta usada na pena de morte ditada pelos juizes da Corte.

Após esse ato, a única reação de Sócrates foi usar seu limitado tempo de vida física, para agradecer a confiança de Jesus para que ele semeasse nova luz sobre a Grécia, o qual pouco pôde realizar.

A cela, nesse instante, inundou-se de luzes, visto pelos soldados que ali se encontravam para remover seu corpo. Ficaram assustados com o fenômeno, mas não puderam ver o espírito de Sócrates ser levado por amigos espirituais que lhe davam assistência plena, e o conduziam aos braços de Jesus.

Tomando de volta seu sentido espiritual, ao rever-se junto ao Mestre, Sócrates, humildemente ajoelha-se perante Ele e soluçante, diz-lhe:



— Senhor, perdoe-me. Procurei servir-lhe da maneira mais clara em nome da Verdade. Porém, pouco realizamos para elevarmos a nossa Grécia com a semente da

sabedoria Divina. Falhamos em nosso intento...

Sócrates quer continuar, mas Jesus docemente o interrompe:

— Com a sua condenação, Sócrates, a Grécia passará a sofrer dolorosas provações coletivas. Responderá amargamente por ter contribuído com o mal, onde queríamos que se fortalecesse a semente do Amor.

— Mas, Senhor, responde Sócrates, eles se equivocaram!

— Por isso mesmo, por terem preferido o desculpismo do equívoco, terão para se redimir a convocação do Alto, que como escravos virão a servir a civilização romana. Irão instruir e educar outro povo, nos princípios ensinados por você. Será essa herança que os ajudará a continuar a cultivar com grandes sacrifícios, o caminho do Amor.

Após esse encontro, os gregos mais cultos em sabedoria, passaram a servir como escravos e como tal, eram chamados a ensinar o povo romano, como professores, contribuindo dessa forma para erguer um novo império, sob a direção da justiça e da Misericórdia.

O tempo passa.

Nosso cenário agora é Jerusalém, que achava-se repleta de peregrinos. Todos tinham vindo para os festejos da Páscoa dos judeus.

Entre eles estão o casal Zebedeu, sua esposa Salomé e seus dois filhos; João e Tiago. Estes caminhavam alegremente na frente dos pais. Tudo era curioso e belo para eles. Passavam entre as pessoas rindo e salteando daqui e dali. Pararam para admirar o templo dos doutores da Lei; Zebedeu chama-os a atenção para que admirassem a formosa arquitetura do templo. Após isso, os meninos correram para um grupo de pessoas que riam com as brincadeiras de um coelhinho, que entrava e saía de algumas casinhas de madeira onde retornava com uma prenda, que era entregue a algum participante da brincadeira. Súbito João tropeça num senhor idoso que sentado ao chão, pedia algumas moedas. Com a confusão de pessoas ao dar o encontrão com o senhor, espalham-se algumas moedas. João, desculpando-se, ergue-as para devolvê-las ao ancião, e pergunta admirado:

— Essas moedas são gregas? Ao que o velho lhe responde:

— Sim, elas são gregas! Por que é? Você conhece a Grécia, é grego?

— Oh, não, responde João sorrindo com as moedas nas mãos. É que tudo que se refere à Grécia, fascina-me. Não sei por quê! Gosto muito de saber sobre a Grécia. Principalmente de suas tradições e da cultura desse povo. O senhor conhece a Grécia?

— Sim, meu rapaz, sou um judeu grego. Meu nome é Judá. Já que você gosta tanto da Grécia, já ouviu falar sobre Sócrates e seus sublimes ensinamentos das Leis Divinas?

— Não, responde João curioso. E quem foi ele?

Judá passa a descrever a figura de Sócrates e sua luta. Conta sobre sua morte. Por fim, Judá, diz ter parentes distantes que confirmavam a história.



À medida que João escutava as narrações feitas por Judá, ele sentia como que um torpor. Sua mente, registrava os acontecimentos descritos, principalmente o final da vida de Sócrates com a cicuta.

Ele estremece e balbucia: Sócrates... Sócrates... Como e onde já ouvi esse nome? Que emoção senti a seus relatos! Diz ao ancião.

Judá atento responde:

— Filho, a história de Sócrates remonta a mais de quinhentos anos, mas continua viva até hoje, pelo destemor com que transmitia seus preceitos de fidelidade ao Deus único.

O ancião grego, embora sua condição de pobreza, olhando fixamente a João, responde: “Sei o que você sentiu com a descrição, quem sabe você já tenha vivido nessa época e tenha sido um dos jovens seguidores de Sócrates? Isso, meu filho, chama-se reencarnação. Esse meu aspecto não me tira o que tenha guardado em minha mente, ouvindo as pregações de um jovem que anda por Cafarnaum, chamado Jesus. Mas, se você for às margens do rio Jordão, encontrará um profeta chamado João Batista, que prepara o caminho por onde Jesus passará. Vejo que você tem muito que fazer nessa reencarnação.”

Judá falava como se soubesse e conhecesse João. Este e Tiago ficaram impressionados com a conversa, porém, Tiago, em vendo João meio esquisito, exclama rápido:

— Vamos, mano, vamos a procura de nossos pais. Eles devem estar preocupados, pois os perdemos em meio ao tumulto.

João, atendendo ao irmão, despede-se de Judá agradecendo o encontro que muito lhe falara ao coração. Judá estendendo-lhe as mãos completa:

— Que Deus o ajude a encontrar o caminho da luz a que veio!

Afastando-se do ancião, Tiago ainda surpreso indaga:

— João, pareceu-me que a conversa com Judá deixou-o perturbado.

— Não, meu irmão, pelo contrário. Pelas palavras dele, pareceu-me ser ele um profeta. O que ele narrou deixou-me curioso, pois em meio às recordações nos momentos da narrativa, vi-me na Grécia junto de jovens e crianças. Repito para mim mesmo, que um dia quem sabe, irei à Grécia.

Tiago ri e aponta o encontro com seus pais. Estes aflitos, alegram-se por vê-los e Zebedeu apressa-os para irem ao templo.

O tempo não conseguia apagar da lembrança de João o encontro com o velho grego. Sentia que precisava ir ao encontro do Nazareno, pois algo faltava em sua vida. Zebedeu, seu pai, chamava-o constantemente a atenção, dizendo-lhe que pouco ele se interessava pela pesca, como antigamente.

João pensava de si para si mesmo: Seu pai estava certo e decidiu-se a encontrar Jesus.

Num belo dia, João foi levado às margens do Rio Jordão e viu pela primeira vez, um profeta chamado João Batista, o precursor, falar.

Sentiu-se atraído. Sua pregação era dura. Falava em novos caminhos, buscando vidas futuras e dizendo que o filho de Deus viria após ele, para ensinar a purificação do espírito.

O encontro com o Cristo deu-se no lago de Genezaré,

junto ao barco de Simão Pedro. Viu ele, um jovem alto, cabelos e barbas claras e longas, vestindo uma túnica muito alva. Seu semblante irradiava luz, como se o sol ali estivesse iluminando a madrugada.

Tiago, seu irmão, vendo-o magnetizado a olhar o Nazareno, diz-lhe:

— Esse, João, é Jesus de Nazaré. É sobre ele que você ouviu de João o precursor, falar. E da barca de Simão Pedro, João, o Evangelista, viu e seguiu dali para



toda a sua vida, Jesus, seu Mestre e Senhor.

Embora muito jovem, João seguiu os passos do Mestre. E quando no calvário, Jesus, olhando a turba enfurecida e as mulheres juntamente com Maria, sua mãe, chorarem por vê-lo na cruz, fixou sua atenção em João, seu amado discípulo, e, dirigindo-se a ele, dita-lhe o profundo ensinamento:

“Não chorem por mim, tomo sobre meus ombros o fardo da culpa coletiva deste povo, mas peço ao Pai abençoar-lhes as dores futuras, para que seus sofrimentos sejam atenuados”.

João, como visto, abraça Maria de Nazaré, como a querer protegê-la trazendo-a ao seu coração. Aí ouvem Jesus falar:

— “Mulher, eis aí seu amado filho, João.

E dirigindo-se a João:

— João, eis aí Maria, sua Mãe Santíssima.”

Com estas palavras, eternizou-se a família humana. Somos todos irmãos em Cristo e Maria de Nazaré, a Mãe Universal.

Após o retorno de Maria à pátria espiritual, João prosseguiu seu caminho de amor, levando muita luz e sabedoria, junto aos apóstolos do Cristo, Pedro e Paulo de Tarso.

João, O Evangelista, parte rumo à esfera espiritual, após

uma longa existência de lutas e sacrifícios. Foi numa calma madrugada que ele liberta seu espírito, encontrando-se com Jesus, Maria e Paulo de Tarso, que felizes o envolvem em



bênçãos de luzes e paz para seu refazimento, no mundo espiritual.

Século XII!

O cenário sobre a Terra, é visto pelo plano espiritual superior de muita dor, muito sofrimento, pois em nome das



religiões, guerras sangrentas se faziam sobressair com o nome de “Guerra Santa”.

E s s e s empreendimentos bélicos por toda a Europa traziam p r o f u n d a s preocupações ao mundo espiritual superior. Foram, então, enviados para a Terra, inúmeros

espíritos superiores para fazer valer a paz, principalmente entre os muçulmanos e católicos. Era preciso restabelecer o equilíbrio e o controle emocional dos povos.

Para essa grande missão, Jesus convoca mais uma vez seu amado discípulo, João Evangelista! Incumbe o Mestre a esse apóstolo retornar a Terra, sendo seu trabalho desenvolvido junto à igreja para, com seu exemplo, testemunhar a fé e o respeito a Deus. Mostraria que só o “Amor verdadeiro e puro é que cobrirá a multidão de pecados”.

Portanto, as guerras deveriam ser abolidas e João seria o missionário da Paz, como discípulo do Cristo.

Ainda temeroso pelo seu futuro, onde diante dos poderosos líderes católicos, ele teria que fortalecer seus propósitos de humildade, João digna-se de ajoelhar-se aos pés do Mestre, rogando-lhe bênçãos e amparo.

Jesus levantando-o, menciona:

—“João, veja em tudo a obra do Pai Celestial. Procure compreender e se doar em energias na renovação educativa dos sentimentos humanos. É preciso que você desenvolva entre os povos a união, começando a fazê-los compreender agora, nesta sua trajetória terrena, a continuação do despertar para o “Amor a Deus”, para que se estenda a todos, sem ódio ou ressentimentos”.

João agradecido, pede a Jesus poder visitar aquela que seria sua Terra natal, Assis, ainda em espírito, para poder avaliar a sua própria condição diante dos tropeços que por certo aconteceriam.

Com a permissão do Mestre, João parte rumo à Itália.

Em espírito encontra-se em Assis, uma cidade localizada na província da Úmbria, na Itália.

Percorre suas ruas desalinhas contendo com elevado número de casas comerciais. Também observa o movimento constante dos povos que de toda província ali vinham para realizar compras vindas da Grécia, onde João pára para observar os objetos, sabendo agora que faziam parte de seu passado, como o conhecido Sócrates. Essas recordações o emocionam. Continuou seu olhar deparando-se com os objetos, tapetes e perfumes vindos da Pérsia, da Fenícia, do

Egito, etc. Repara nos tecidos, que as grandes lojas exibem em frente às sedas maravilhosas em formosas estampas vindas da Síria. E as casas comerciais que vendem as procuradas bebidas vindas principalmente da Ásia Menor.

Toda aquela riqueza e ostentação causam-lhe preocupações. Sente que a mola principal, é o poder aquisitivo de cada comerciante.

São ricos e sabem como atrair a clientela que se aglomera para disputar o melhor artigo por preço menor. Tudo é o supérfluo. João antevê em cada criatura a vontade do materialismo. Ninguém está preocupado com a melhoria interior, pelo contrário, desde os comerciantes até o mais simples serviçal, se tivessem meios de trapacear, isso o fariam sem sombra de dúvida.

Quanto trabalho teria que ser realizado!

João lembra-se que Jesus lhe havia permitido conhecer aquele que viria a ser seu pai carnal. Sabe por antecipação que ele estaria entre esses comerciantes. Andando vagorosamente, pára súbito diante de uma grande casa comercial. Ali há de tudo que se deseja comprar. Os turistas entram e saem admirados com os objetos, tecidos, amuletos, jóias, etc. Compram muito e o dono da casa comercial é só sorriso de satisfação. E João, endereçando-lhe um olhar penetrante, compreende que esse rico comerciante seria muito breve seu pai, o senhor Pedro Bernardone!

João naquele instante, pára, pedindo a Jesus que o fortaleça, pois sabendo de sua reencarnação missionária, teme pela vida de fartura e ostentação que antevê. Tem medo de não saber passar pela prova da riqueza.

Voltando seus pensamentos ao alegre comerciante e simpático para com seus fregueses, João interroga a si próprio:

— Seria ele temente a Deus? Guardaria em seu coração, alguma fé que o levasse a uma atitude religiosa?

Pedro Bernardone estava a limpar alguns objetos para a freguesa que os havia adquirido, quando ao pegar a flanela deparou com um velho exemplar, um livro antigo que narrava a vida de Buda.

João, que espiritualmente o acompanha fica atento. Vê que seu futuro genitor abre o livro e, passando os olhos rapidamente, começa a pensar: — Como fui tolo em guardar esse volume que fala sobre Buda e Sócrates, ambos pregando o desprendimento dos bens, que se adquire com tanto trabalho para repartir com quem não fez nada para tê-los? Ora, ora que pregação absurda.

E continua a pensar: — Eu sei que um dia realizarei o sonho de ter um filho. E ele será o herdeiro da minha fortuna. Porém, seus pensamentos tiveram que ser interrompidos, pois a freguesa reclamava pela demora em ser atendida.

João queda-se por alguns instantes e dirige a Jesus seu pedido comovido: Mestre, ajude-me a envolver essa criatura para que um dia sejamos cúmplices em reconhecer a



Vista panorâmica da cidade de Assis - Itália

verdadeira riqueza.

João continua sua caminhada. Precisa agora localizar sua futura casa e conhecer aquela que o Pai Celestial havia programado para lhe dar a vida terrena.

Movido por este forte desejo, encontra-se ele defronte de uma bela mansão. Sim, é o que João vê, uma luxuosa vivenda, onde o mármore colorido se salienta por belas trepadeiras que recobrem a porta da entrada, onde a alguns metros destaca-se uma piscina de estilo romano, tendo em sua volta pisos coloridos, cercada por um jardim que perfuma o ambiente, as lindas flores silvestres. Tudo isso lembra João das vivendas pertencentes às dinastias do Egito, misturadas às de Roma.

Quanto luxo e quanta ostentação! Ele precisaria ter muita coragem para não deixar-se arrastar pela vida de opulência e inutilidade.

Relutante, passa através de uma larga porta. Vê-se diante de um vasto salão. Olha vagarosamente as disposições das riquíssimas peças que compõem esse ambiente.

Ouve uma suave voz cantarolando baixinho. Procura seguir o som da melodia e vê que, recostada a um triclínio (tipo de um sofá, muito usado entre os povos dos antigos tribunos romanos), está uma linda mulher, que foge aos padrões das matronas italianas.

Era clara, de longos cabelos encaracolados, de olhos azulíneos e muito delicada.

João, atraído pela singeleza do quadro, aproxima-se e sente que ela seria quem lhe daria a vida material, sua futura mãe.

Num impulso tocando-lhe as faces num gosto carinhoso, abaixa-se e a beija na fronte.

Dona Maria Picalli, é esse seu nome, sente um tremor e um bem-estar, maravilhoso. Tem ela nas mãos uma velha Bíblia que lhe fora dada de presente, ainda menina, por seu velho padrinho e também seu tio. Ele morava em Perúcia, onde era sacerdote, muito conceituado por exercer o sacerdócio sempre fiel aos princípios católicos.

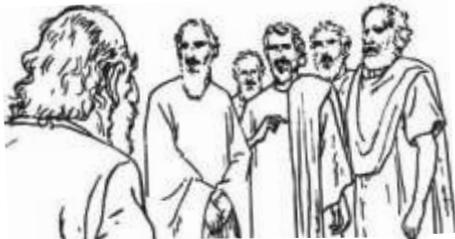
Pensa, então, que esse bem-estar, é resultado da leitura que faz sobre o “Apocalipse”, que muito a atraía, pelas profecias ali reverenciadas.

O senhor Pedro Bernardone, seu esposo, não gostava que ela lesse, pois dizia, que tudo isso era bobagem, credices que deveriam servir apenas para os que gostavam de fantasiar ou adivinhar o futuro. E que este só a Deus pertencia. João sorrindo, por sentir que teria uma amiga a lhe favorecer a reencarnação, beija-a mais uma vez, agradecido a Jesus por ter lhe dado a sentir esses momentos tão preciosos, para o seu futuro. Sabe também que terá muitos problemas com o senhor Bernardone, mas confia em Deus.

Retorna João junto aos amigos espirituais que o aguardavam para elaborarem seu breve regresso a carne.

Essa reunião espiritual está sob a responsabilidade da querida companheira Celina, encarregada de ajudar aos espíritos que retornam a Terra.

Celina, após emocionante prece, dirige-se a todos:



— Caros amigos em Jesus, a finalidade desta reunião é anunciar a chegada do nosso irmão João, dileto discípulo do Cristo, que por ordem superior irá reencarnar numa missão especial, pois ele será o responsável e o coordenador de uma expedição de espíritos que o auxiliarão a reintegrar as criaturas do mundo físico para a reformulação dos preceitos Divinos. E para nossa alegria ele reencarnará, aqui na Itália, mais precisamente na região central deste país, em Assis.

O diretor espiritual de Assis, levanta-se e, sob aplausos, abraça esfuziante, João Evangelista. E completando a difícil tarefa que ele, João, deveria enfrentar, complementa:

— Meus amigos, Jesus está confiando a difícil tarefa de refazimento de muitos de nossos irmãos que se deixaram seduzir pelos prazeres mundanos. Estejamos, pois, unidos porque à nossa frente estará Jesus! Agora, João já estava pronto para o seu retorno a Terra, mais precisamente, a família Bernardone!

Voltemos ao lar de dona Pica, era assim que todos a chamavam. Sentia-se ela muito feliz, algo estava para acontecer.

Os dias corriam céleres. Dona Pica não passava bem. Sentia-se indisposta, mas acreditava que Deus a estava preparando, para realizar seu grande sonho. O médico logo estaria ali e, como aconteceu, trazendo a notícia de sua gravidez.

Ao saber da chegada tão almejada do filho, o senhor Bernardone não cabia em si de contentamento. Estava certo que seria um varão e herdaria a imensa fortuna que naturalmente, seu filho, a faria crescer ainda mais.

João, aconchegado ao ventre materno, tenta passar a sua mãezinha o desejo de que o pensamento e atos fossem feitos em benefício às criaturas carentes. Passa ele a envolvê-la para que ela preste atenção aos servos da casa. Havia em seu lar a almejada Jarla, que, como serva e fiel amiga, estava precisando urgentemente de socorro.

Com esses pensamentos, dona Pica põe-se em pé e rapidamente chama pela serva. Com muita dificuldade esta adentra ao salão onde dona Pica repousa e, ofegante, responde ao chamado da patroa.

— Pronto, senhora, perdoe-me a demora dos passos, senhora, mas aqui me encontro para ajudá-la.

— Calma criatura, não precisa ter pressa. Chamei-a pois repentinamente vi-a doente... e vejo que na verdade não está bem. Que há?

— Não quero preocupá-la, senhora, mas já que pergunta e naturalmente vê meu estado, é que quase não estou conseguindo ver os objetos a minha frente.

Dona Pica assustou-se e se erguendo foi ao encontro da serva.

— Venha, minha amiga, eu é que lhe peço perdão. Por vezes ficamos tão absortos com nossos problemas que não ocupamos em ver o que se passa a nossa volta.

João, alegrou-se, sua mãezinha atendera a seu pensamento. E continuou a intuí-la: Dona Pica, sem o saber registrava e fazia a tudo o que seu pensamento a envolvia. Dirigindo-se a serva e inspirada por João, pede:

— Jarla, sei que você é grega por nascimento e embora nunca tenha lhe perguntado, creio que guarda uma fé em seu coração.

A serva, tímida diante da preocupação da patroa com seu estado, responde afirmativamente:

— Sim, senhora. Deus e Jesus, creio estão sempre a nos amparar. Desde criança cresci ouvindo minha avó contar a vida do Cristo. O seu testemunho de Amor e a sua pregação pelo “Amor ao próximo”.

— Pois então, diz dona Pica, vamos orar juntas. Tenho comigo que se a sua fé for verdadeira, quem sabe sua visão poderá retornar?

João associado à mente de sua mãezinha emite fluídos benéficos auxiliado pela prece de corações desejosos ao Bem. Após a prece final, Jarla, que se conservava junto à dona Pica, exclama emocionada:

— Meu Deus, a névoa que obscurecia minha vista diminuiu. E exultante beija as mãos de Pica. Esta, um tanto confusa diz:

— Não Jarla, não faça isso... por que beijar minhas mãos se nada fiz! O que foi incrível é que no envolvimento da prece senti meu filho vibrar tanto dentro de mim que pareceu-me até ouvi-lo a orar conosco. E lágrimas corriam pelos olhos de dona Pica.

Jarla, também emocionada e com toda ingenuidade de seu coração fala demonstrando admiração:

— Será, dona Pica, que essa criança é um anjo que virá para curar doentes? E Jarla não sabia que essas palavras ditadas pelo seu coração profetizavam o futuro de João Evangelista.

Durante todo o período gestacional, dona Pica passou a atender todos a que Jarla, embora às escondidas do senhor Bernardone, trazia para serem tratados com as orações de sua senhora, todos os doentes que encontrava.

João estava prestes a vir ao mundo. Estava feliz, pois mesmo estando no ventre materno, trabalhou com a boa vontade daquela que em breve o teria em seus braços. Por certo, que ambos continuariam a exercitar o trabalho, na doação fluídica do Amor em Jesus.

Jarla respeitava tudo o que sua patroa dizia, mas sua mente temia o futuro. Refletia que jamais o senhor Bernardone aceitaria isso, pois ele só queria que a criança soubesse administrar a fortuna. Jarla poucas vezes o via falar em Deus. E prosseguia cismando.

Embora estando na Itália, Jarla era de origem grega. Nascera na Grécia, amava muito aquele chão, embora poucas lembranças tinha, pois deixara a Grécia ainda cedo. Porém, em sua memória havia recordações dos pais que falavam muito de um filósofo que transmitia aos jovens e as crianças belíssimos conceitos sobre a vida e sobre a sua continuidade, favorecida por Deus.

Mas voltando para sua condição, percebera que deixara dona Pica a falar sozinha. Desculpando-se, ouviu dona Pica replicar:

— O que aconteceu com você, Jarla? Pareceu-me tão distante...

— Perdoe-me, senhora, é que fiquei a refletir sobre a criança e lembrei-me da minha querida Grécia... também não sei o porquê, mas... E fez pequena pausa e falou:

— Termine seu desjejum, senhora.

Pica sorrindo, acrescentou:

— Será que meu filhinho tem algo com seus devaneios? E ainda brincando, pediu a Jarla que a deixasse só. Gostaria de fazer suas orações.

Como sempre fazia, uma vez por mês o senhor Bernardone viajava para a França, em busca de novas

mercadorias. Despediu-se ternamente da esposa e chamando Jarla, incumbiu-a de zelar pela gestante. Sabia que breve seu filho nasceria, mas não poderia deixar de realizar essa viagem, pois soubera que a França havia recebido belas peças artesanais de vários países e isso para ele cheirava bons negócios.

Jarla o acalmou, dizendo que tudo ficaria bem.

Ele parte confiante, pois sabia que Jarla era-lhe muito fiel.

O dia 26 de setembro de 1182 amanheceu com o brilho resplendente dos raios solares. Os pássaros gorjeavam saltitantes nos galhos das belas árvores frutíferas. O aroma das flores espalhava tênue perfume atraindo os olhares dos transeuntes que admiravam o belo solar dos Bernardone.

Ouvia-se vindo do interior da casa suave voz cantarolando uma velha cantiga grega. Era Jarla, a carinhosa serva, que se desdobrava em cuidados pela sua senhora.

Naquela manhã dona Pica não se sentia bem. Passara a noite acordada, pois os primeiros sintomas evidenciavam que seu querido filhinho estava para chegar.

Jarla adentra ao dormitório para ajudá-la a levantar-se e tomar a refeição matinal. Mas vendo-a ofegante entendeu que o momento chegara. Tendo prática em partos, pois muitos foram os filhos de escravos que nasceram em suas mãos, aproxima-se de dona Pica e colocando as mãos em seu ventre, diz-lhe feliz:

— Calma senhora, o nosso pequeno está vindo ao mundo.

Dona Pica, meio confusa, diz-lhe sorrindo:

— Como sabe se é um menino ou menina? Terá você como eu certeza que Deus nos brindará com um robusto príncipe, como diz o senhor Bernardone, que virá a administrar esse mundo de riquezas?

— Não sei, senhora. Mas algo me diz que ele administrará sim, mas a riqueza de Deus!

Dona Pica sorri em meio às dores que se faziam sentir com mais intensidade e replica:

— Vamos, sua velha grega sábia, ajude-me, para que essa criança traga alegria para essa casa, tão soberba em luxo e vazia de propósitos mais sublimes.

O tempo vai passando e Jarla mostra-se preocupada.

Havia algum problema, parecia-lhe que a criança encontrava-se em diferente posição. Imediatamente, Jarla lembrou-se de sua mãezinha que também ajudara a tantas crianças nascerem. E fez o que ela fazia. Colocou suas mãos sobre o ventre de dona Pica e começou a orar. Pediu com todas as forças de seu coração a ajuda do Mestre a favor desse enviado de Deus. Repentinamente, dona Pica, parecendo-lhe fora de si, ergue-se do leito e com voz firme e segura diz a Jarla:

— Leve-me agora para o estábulo, onde encontram-se os animais. Coloque-me sobre a palha e quando ele vier ao mundo, ponha-o na manjedoura, ele deverá assim nascer como Jesus, para mostrar ao mundo a simplicidade com todo calor do amor puro, sem ostentação.

E repete com mais vigor:

— Vamos rápido, antes que seja tarde.

Jarla, assustada, pois sentia que aquela era uma ordem vinda dos Céus, pediu ajuda de outras servas e transportou dona Pica quase inconsciente à estrebaria.

Dona Pica sobre a palha teve a assistência dos animais que àquela hora estavam a se alimentar, e que pararam e

parecia que respeitavam o momento que “João, o Evangelista”, isto é, Francisco de Assis estava nascendo. O primeiro vagido foi ouvido por muitos. Dizem que uma intensa luz fez-se sobre a Terra. E o menino foi colocado na



m a n j e d o u r a ,
iluminada pelos
Espíritos Superiores
comandados pelo
espírito de Celina.

Jarla e dona Pica
choravam envolvidas
p e l a s f o r t e s
vibrações, olhando a
bela criança, que

viria, como amado discípulo do Cristo, trazer a Paz àqueles momentos tão conturbados que o mundo físico passava.

O senhor Pedro Bernardone recebe a notícia do nascimento de seu tão esperado filho, em meio a viagem. Embora antecipando o retorno, sua chegada demoraria mais alguns dias.

Enquanto isso, na mansão a alegria era geral. Muitas pessoas entre parentes e amigos visitavam a criança, que segundo a voz corrente, era um santo vindo dos céus, pelo que iam e ouviam do fenômeno acontecido. Fato é que todos queriam ver a criança.

Dona Pica, que lia constantemente o Evangelho e encantava-se com as pregações de João Batista, diz à Jarla:

— Sabe, minha amiga, meu filho receberá o nome de João. Creio que o episódio de sua cura, vindo a enxergar novamente, deve-se a ele, pois era o cordeiro do Cristo. Ele profetizava o bem. E você viu os fatos que aconteceram no dia do seu nascimento. Por isso ele será João.

— Mas, minha senhora, retruca a serva, creio que o senhor Pedro não aceitará. Todos nós sabemos os costumes italianos. Quando nasce um menino, quem dá o nome é o pai! Por certo ele brigará com a senhora. E mais ainda, quando ele souber em que condições nasceu seu tão esperado filho, numa estrebaria! Ah, senhora, ele ficará uma fera.

Dona Pica ri muito com as ponderações e confirma:

— Saberei como acalmá-lo, nada tema.

Mais alguns dias e a chegada de Pedro Bernardone ao lar acontece. Entre lágrimas e risos ele abraça a esposa e beija as faces rosadas do pequeno. Porém, ao saber dos acontecimentos que envolveram o nascimento de seu filho e o nome dado pela esposa, Pedro fica furioso e chamando Jarla, cobra-lhe o trato dado a dona Pica. Como deixar que o fato tenha se efetuado numa estrebaria, quando ele desejara que seu filho nascesse rodeado do melhor trato, num leito de rendas?

Jarla chora e pede perdão, nada pudera fazer. Dona Pica intercede a favor da serva. Após os ânimos terem se asserenado, Pedro diz a esposa, mais contido:

— Bem tudo já passou e nosso filho está saudável, mas o nome dele será Giovanni Francesco di Bernardone. Diante desse seu espanto pelo nome que lhe dei, diz à esposa, vou lhe revelar o sonho que achei estranho, mas talvez tenha algum sentido, após ouvir como se deu o nascimento do nosso filho. Sonhei, Maria, que um peregrino vindo ao meu encontro, após identificar-se como um sementeiro do Bem, revelou-me que o filho que esperávamos já havia me conduzido ao Cristo, quando numa reencarnação eu fora

acometido pela lepra. Dizia esse mensageiro ainda jovem. Em vendo meu sofrimento, levou-me até o Nazareno que por essa época andava curando os doentes. E estando eu em frente a Ele, colocou suas mãos sobre minha cabeça e disse:

— “Sê limpo, pois tua fé te curou”. Olhando-me profundamente, continuou:

— Esse jovem que aí está ao seu lado, é o meu discípulo amado. Um dia vocês estarão juntos. Guarde seu nome, João, o Evangelista.

Lembro-me, querida esposa, que esse jovem começou a se distanciar, porém, olhando-me vi que estava sem chaga alguma.

O Nazareno havia desaparecido, procurei erguendo a voz para agradecer ao jovem, este como que compreendendo meu gesto, disse-me:

— Como falou Jesus, estaremos brevemente unidos pelos laços familiares. Se aceito, peço-lhe que me chame de Francisco de Assis.

Dona Pica emocionara-se com a verdade daquele encontro. Olhando o esposo diz com a voz do coração:

— Então ele será apenas Francisco de Assis. Por que você quer dar-lhe um nome tão diferente do que lhe foi pedido?

— Ora, Maria, foi apenas um sonho. Sei lá das bobagens que guardamos ao dormirmos! Nosso filho será o herdeiro da nossa fortuna e do meu nome, de resto são fantasias, nada mais.

O menino Francesco crescia, belo e forte. Dona Pica admirava as atitudes daquela criança. Seus modos, suas maneiras de falar dava a todos a idéia de que ele era apenas criança na idade, mas adulto em suas conversações. Não gostava das brincadeiras dos amiguinhos, pois lhe pareciam muito pueris. Queria mesmo estar entre os adultos, participar de assuntos, até de negócios.

O senhor Bernardone orgulhava-se disso. Estava evidente que Francesco seria um forte comerciante. Mostrava-se tão jovem e com mais capacidade de administração que ele.

Dona Pica sempre atenta, achava que seu filho não viera para viver uma existência comum. Não sabia por quê, mas achava que deveria dar ao filho noções da religião, mais clara perante Deus.

Troca ela idéias com sua fiel Jarla. Esta trazendo ainda profundos conhecimentos filosóficos da Grécia, diz a patroa e amiga que acredita na reencarnação. E que quando, dona Pica, contou-lhe sobre o sonho com o filho, achara desde aquela época, que Francesco fora realmente João Evangelista. Senão como explicar tanta sabedoria, num menino de tão pouca idade?

Dona Pica ficava a cismar! Como ela e o filho tinham muita afinidade, começou a transmitir ao menino, a fé cristã. Estimulou-o a freqüência constante à igreja. E Francesco aceitava com muito amor as indicações que o coração materno orientava. Passava horas a polemizar com o pároco da igreja de Assis e quando este falava algo aos fiéis que não aclaravam o texto do



Evangelho, Francesco pedia-lhe mais estudo.

Mas Pedro Bernardone não aceitava muito essa idéia do filho estar sempre na igreja. Para ele, agora Francesco já adulto precisava passear e, no seu modo de pensar, gozar a vida e tudo a que tinha direito.



O rapaz divertia-se muito. Tinha muitos amigos que adoravam sua companhia, principalmente por Francesco ter muito dinheiro e não se importar em garantir as despesas, quais fossem.

Dona Pica preocupava-se. Via o filho chegar altas madrugadas, cheirando a perfume barato e alcoolizado.

No dia seguinte de uma dessas noites, sem mais delongas, dona Pica entra no dormitório do filho, acordando-o, embora com ternura mas com energia. Suas palavras ecoam nos ouvidos de Francesco. Abrindo os olhos, ainda sonado, repara na seriedade daquele coração angustiado que fala:

— Filho, que é que você está fazendo de sua vida? Por que você passou a ouvir apenas os conselhos errôneos de seu pai, que não vê onde está colocando a sua vivência inútil e sem propósitos? Ele, meu filho, quer apenas fazê-lo crer no supérfluo, na matéria tão passageira, que só nos afasta de Deus! Reaja, Francesco. Procure sentir a natureza. Lembre-se de quando na infância você gostava de ouvir os pássaros nas árvores voando de galho em galho e batia palminhas com suas mãozinhas inocentes ao ver os peixinhos nadarem no lago do jardim e você docemente me perguntava, quem os ensinava a nadar e dar asas aos pássaros?

E você alegrava-se em saber que tudo era por determinação de Deus, nosso Pai, pois falávamos explicando para que você entendesse que, se todos existimos, é porque Deus nos criou, livres assim, mas com responsabilidade pelos nossos atos. Lembre-se, filho? E daí, o que você quer da vida, agindo dessa maneira? Até quando?

Francesco abriu desmesuradamente os olhos. Fixou firmemente atenção nas palavras de sua mãe. Veio-lhe toda a lembrança. E pensava como sua infância fora sadia. Sua adolescência fora pródiga, estudara e para quê? Aquele coração materno tinha razão. Para onde caminharia desse modo? E seus ideais para com a igreja? Onde ficara sua fé?

Reagindo, levanta-se e colocando suas mãos ao redor do pescoço de sua amada mãezinha, diz-lhe:

— Obrigado, mãe. Creia que vou pensar em tudo que a senhora disse.

Após o desjejum, Francesco sai. Anda pelas ruas tortuosas de Assis. O dia está ensolarado. Olha para uma árvore e viu pássaros gorjeando. Escuta o barulho das águas de uma bela fonte em meio ao jardim central. Francesco pára. Seus pensamentos turbilhonavam. Repentinamente olhando para o céu azul, abrindo os braços, exclama:

— Deus, perdoe-me! Que estou fazendo diante dessa grandeza que é a Terra, nossa escola abençoada!

Chorando e caindo de joelhos, ele continua:

— De agora em diante cumprirei o que me foi confiado.

Serei, Pai, o testemunho de sua fé e de Amor, como foi seu filho Jesus. Cumpra-se, Deus, a sua vontade desta minha vida, que farei ser completamente outra. Viverei pelos princípios de despojar-me de todos os bens terrenos e ser humilde em atitudes e atos. Procurarei ser o mais fiel de seus discípulos, Senhor.

A mudança que se operou em Francesco foi radical.

Quando se propôs a dedicar-se a causa cristã, despojou-se de todos os bens materiais. Pediu a Jarla que desse todos os seus pertences às famílias carentes da região. Doou a igreja as jóias que o pai lhe dera como parte da herança dos Bernardone.

Como passou a freqüentar o mosteiro assiduamente, logo tornou-se querido dos freis e dos padres que iam rezar as missas. Passou também a ser companheiro permanente de Frei Leão, que ensinava todos os dogmas católicos a Francesco.

Pedro Bernardone, a princípio não ligara muito a esses propósitos do filho, achando ser quase normal, pelos períodos de incerteza a que passava. Mas, como tudo fora se modificando, estranhando a ausência do filho em suas lojas e o total desinteresse que estava apresentando, foi ele ter com a esposa e ficou sabendo que Francesco resolvera morar no mosteiro dos Frades de Assis.

Bernardone enfureceu-se. Como o filho não obedecia a seu chamado e sabendo que ele andava pelas ruas de Assis como mendigo e batendo de porta em porta para pedir esmolas aos pobres de Assis, mandou que a polícia local o prendesse, pois com certeza, Francesco perdera a razão e como tal deveria ser tratado.

Claro que para os habitantes de Assis e até para os amigos de Francesco, tudo que ele fazia era como se realmente estivesse fora de sua razão, por isso acharam normal a atitude de Pedro.

Dona Pica por muitas vezes tentara demovê-lo em tudo abandonar para servir ao clero. Pensava ela ser culpada por querer ver o filho mais voltado a Deus, nunca imaginara, porém, que isso chegasse a tal ponto.

Por ordem paterna, Francesco, ficaria encarcerado no porão da mansão.

Não adiantaram os rogos de dona Pica e o choro de Jarla, por ver tanta resignação no semblante do jovem.

Aproximando-se da mãe, acariciou-lhe o rosto, dizendo que não se preocupasse, pois estaria bem, orando junto a Jesus.

E, dirigindo-se ao pai, que mostrava-se irado por não compreender aquele comportamento, diz-lhe meigamente:

— Perdoe-me, pai, por não seguir a vida que gostaria que eu tivesse. Mas entendi que Deus está me colocando a prova. Devo dar o meu testemunho de fé e de que nada me demoverá de lutar pela paz e continuar a obra de Jesus, pois essa será para o meu espírito a maior riqueza de minha vida.

Aos brados Bernardone manda que os servos o levem e o trancafiem no porão e que ninguém lhe leve alimento ou água, até que mude dessa idéia de mendigar e volte a seu



juízo normal.

Os dias transcorrem tensos. Todos, desde os servos até os patrões demonstram grande tristeza nos rostos. Jarla tem medo que Francesco adoça.

Como dona Pica não consegue demover o esposo em tirar o filho do porão, resolve, com a ajuda de Jarla, soltá-lo.

Com as ferramentas adequadas em mãos, descem as escadas que as levam à porta trancada com cadeados fortes. Com muito esforço conseguem abrir os cadeados e a porta se abre. Francesco, sentado ao chão, tem os pés presos por correntes e algemas nas mãos. Está abatido fisicamente, mas forte espiritualmente. Novamente, Jarla e dona Pica usam as ferramentas e, chorando, ambas erguem Francesco, que as abraça fortemente.

Francesco, amparado pelos laços maternos, beija a frente de Pica. Esta e Jarla o conduzem vagarosamente subindo as escadas do porão, sem nada conseguirem falar.

Francesco é levado por ambas ao salão de jantar, que àquela hora estava sem ninguém, por ser fora de hora de refeição.

Jarla já havia deixado guloseimas para que Francesco se alimentasse e também um alforge com água e comida, pois, seria natural que ele partisse antes da chegada de Bernardone para o almoço.

Já limpo e alimentado, Francesco agradece o amparo de Jarla. Acompanhado pela mãe até o portão abraçados, dona Pica diz-lhe:

— Filho, que Deus o acompanhe e que Jesus ilumine seus passos. Sei agora que você caminhará em busca da felicidade suprema dos aflitos em recolhendo as dores deste mundo, você será capaz de transmitir consolo e esperança, como fez

um dia nosso Mestre e Senhor.

Com as lágrimas a correr pelo rosto, Francesco beija as faces agradecendo aquela que lhe dera a vida carnal e que agora compreendia e lhe dava novamente a vida para o caminho espiritual, abençoando-o. Ele partia, sabendo que sua Mãe estaria sempre presente em sua mente. E olhando fixamente para a mansão, Francesco diz adeus àquela vivenda, onde tivera uma infância feliz!

E dona Maria Picalli ficou acenando como um adeus temporário, pois sabia ela que agora seu filho pertencia ao mundo, onde ele seria o porta-voz do Cristo, oferecendo o pão espiritual aos esfomeados da alma. Seria ele conhecido como, Francisco, o pobre de Assis!

Final da primeira parte.

Eloisa

Bibliografia

- João, O Evangelista - Roque Jacintho - Luz no Lar - 1ª edição - 1993
- Chico, Diálogos e Recordações - Carlos Alberto Braga Costa - Editora União Espírita Mineira - 1ª edição - 2006
- Francisco de Assis - João Nunes Maia / Miramez - Editora Espírita Cristã Fonte Viva - 9ª edição - 1994
- Boa Nova - Francisco Cândido Xavier / Humberto de Campo - FEB - 17ª edição - 1987
- Imagens:
 - Livro "João, O Evangelista" - Luz no Lar
 - it.wikipedia.org
 - www.angelfire.com/ar2/jcarthur/sfco2.htm#vida
 - www.antidrogas.com.br/plano fundo/pp_paisagem1_800x600.jpg
 - www.sanfrancescoassisi.org

Kardec em Estudo

KARDEC EM ESTUDO

A Caridade Material e a Caridade Moral

“Amemo-nos uns aos outros e façamos ao próximo o que quereríamos que eles nos fizessem.”

Tão simples, mas tão difícil de praticar!

Quando lemos esse capítulo no Evangelho Segundo o Espiritismo, logo nos imaginamos em dia com a caridade material, pois ajudamos aos necessitados, e com a caridade moral, pois não matamos, não roubamos, não cometemos atos ilícitos junto à justiça terrena, por isso a lição é só para os outros ... mas, nos esquecemos que a caridade não é simplesmente dar o material, mas sim que a doação seja acompanhada de compaixão e, principalmente, sem a espera do retorno de tal atitude, acreditar que foi Jesus que nos colocou aquela situação, para provarmos que aprendemos seus ensinamentos, uma vez que em nossa “ajuda”, seja aos parentes e amigos, ou em grandes catástrofes, esperamos sempre que façam o que a nossa “tirania” ache o correto e, que em breve, tenhamos o agradecimento em dobro.

Quando se fala em caridade moral, nos esquecemos que nossos atos imorais são tolhidos apenas pela educação que

recebemos de nossos pais, que, desde pequeninos, nos chamavam a atenção para que caminhássemos em rumo certo.

Quando chega a juventude, nos liberamos dos pais e aí, cheios de orgulho, do “tudo sei e tudo posso”, os passos, em sua maioria, são desviados. Passamos a pensar: como ajudar materialmente o próximo, se não tenho nem para mim?

Os anos passam e continuamos os mesmos!!

Será que uma palavra amiga, um sorriso, um agradecimento, uma oração, poucas horas em auxílio aos necessitados, custam tanto dinheiro?? E nossos armários, nossas despensas??!!

Falando sobre a caridade moral, não podemos nos esquecer que os nossos pensamentos, por não serem lidos pelos seres terrestres, praticam os mais absurdos atos imorais.

Quantas condenações, quantas ausências, quantas faltas

de perdão, quanta falta de humildade, tolerância, e quanta aceitação de erros por simples negligência...

Temos a coragem de criticar nossos parentes, nossos governantes, nossos chefes profissionais, mas não conseguimos ver os nossos próprios erros!

Lembra-nos o Evangelho que essas pessoas que deixamos de ajudar podem, em outras encarnações, terem sido nosso pai, mãe, irmão ou um amigo, que após nossa caminhada terrestre, estarão nos esperando como o irmão que Jesus colocará como companheiro para a nova jornada. E quicá tão penosa.

Como todas as lições deixadas por nosso Mestre são tão simples como Ele, por isso, pensemos muito bem em nossas atitudes. Observemos se aquelas pessoas difíceis não o são

em função de nossos caprichos. Filtremos nossas palavras e pensamentos, voltando-os ao bem. Façamo-nos surdos as calúnias, evitando débitos posteriores, não julguemos para que, quando necessário, sejamos também perdoados.

Tenhamos a certeza de que Jesus estará sempre no coração daqueles que derem espaço para o amor e a caridade.

Quando terminado nosso estágio terrestre, levemos em nosso coração somente o aprendizado da paz e do bem para que possamos receber o bem que queremos que os outros nos façam .

Jesus tenha misericórdia de nós.

Vanda

Material Consultado: O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec - Tradução Roque Jacintho - Luz no Lar - 2004

Família

FAMÍLIA

Finados de Pais Vivos

Muitos podem estranhar o tema escolhido para esta coluna que fala sobre a família.

Lembremos que no mês de novembro dedicamos um dia específico para os “mortos”, ou seja, aqueles que já desencarnaram. São pais, mães, avós, irmãos, filhas ou filhos que já não estão conosco, pelo menos com o corpo físico, pois, como muitos dizem, “Deus os chamou”.

Pessoas há que carregam uma grande dor pela perda do ente querido, chorando e se entregando aos lamentos que sabemos serem muito prejudiciais para o espírito daquele que se foi. Inclusive, quando visitar-se o chamado “Campo Santo”, isto é, o local reservado ao repouso dos ossos que um dia serviram de construção e abrigo a um Espírito, que chegou a libertar-se mais uma vez depois do convívio físico, a lembrança deverá ser sempre de amor e reconhecimento, pois esse Espírito continua vivo. Devemos orar não só pelos nossos queridos familiares, mas em estando a visitá-los, lembrarmos-nos de que nesse mesmo local estão muitos entes que necessitam de preces para poderem continuar a viver.

Há também as pessoas com mais fé nos ensinamentos de Jesus que aceitam o desencarne e aguardam o reencontro no

futuro.

Mas será que sentimos tanta falta e damos a atenção necessária para os nossos familiares que estão “vivos”, morando ou convivendo conosco?

Quanto há que hoje pela manhã esqueceram de dar bom dia para os pais ou nem ao menos trocaram umas poucas palavras com aqueles que vivem sob o mesmo teto?!

Reclamamos que vivemos sozinhos, que as pessoas não são confiáveis, são todas interesseiras, mas o que fazemos nós para mudarmos este quadro?

Outros alegam que a vida moderna é corrida e que não sobra tempo para ter um convívio adequado com a família.

Será que não sobra tempo ou nós fugimos deste convívio por ele não ser fácil ou requerer a nossa paciência e nossa parcela de esforço?

Os filhos, muitas vezes, não dão atenção aos pais, principalmente aos mais velhinhos, que não têm muita atividade social e que não podem acompanhá-los às festas tão comuns nos dias de hoje.

Relegam a estas criaturas, que lhe ajudaram a ter uma reencarnação, somente a ajuda material e esquecem que todos nós, principalmente na velhice, gostamos de um pouco de atenção, sentar para conversar, dar uma volta pelo bairro onde moramos, ter companhia para uma atividade corriqueira,... São coisas simples que nos deixam mais seguros, pois no íntimo, é só isso que o ser humano deseja: uma família para poder conviver.

Não esperemos que o desencarne chegue para chorarmos a ausência de nosso familiar, nem deixemos que pequenas rugas nos impeçam de ir até este familiar e falar com ele.

Já nos disse Jesus:

“Reconcilia-te depressa com o teu adversário enquanto estás no caminho com ele.”

Ou seja, enquanto aquele familiar está ali, ao nosso lado, temos a toda hora a oportunidade de dedicar a ele um pouco de atenção.

Façamos o nosso dever cristão hoje, para que amanhã não choremos de arrependimento.

Wilson

VISITE NOSSO SITE

www.espiritismoeluz.org.br

Você poderá obter informações sobre o Espiritismo, encontrar matérias sobre a Doutrina e tirar dúvidas sobre Espiritismo por e-mail. Poderá também comprar livros espíritas e ler o Seareiro eletrônico.





Missão Cumprida ... 413, ...

Francisco Cândido Xavier / Bezerra de Menezes, Maria Dolores e Cornélio Pires - 3 Pinti Editora - 86 páginas

O livro “Missão Cumprida ..., 413, ...” nos traz páginas singelas de três grandes corações que são Bezerra de Menezes, Maria Dolores e Cornélio Pires.

Através da psicografia de Chico Xavier, estes três Espíritos nos contam sobre a paz, o perdão, o “não

julgueis” e outros assuntos que precisamos refletir.

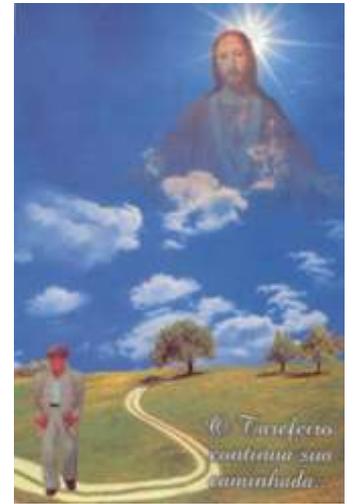
Interessante é que o livro traz a cópia da mensagem original, com a grafia do psicógrafo, mostrando a

dificuldade com que Chico Xavier vinha exercendo a psicografia, mas, mesmo assim, continuou a nos presentear com as mensagens.

Na contra-capa há uma frase dizendo que “O tarefeiro continua sua caminhada”, fazendo referência a Chico Xavier.

Leitura simples e valorosa.

Adolpho



Tema Livre

TEMA LIVRE

Cuidar do Corpo e do Espírito

Este é um tema abordado no “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, no capítulo “Sede Perfeitos” e, aparentemente parece simples pelos comentários observados, entretanto, temos muito que refletir sobre o assunto.

O Evangelho esclarece a necessidade de cuidar-se do corpo que, segundo as alternativas de saúde e de enfermidade, influi de maneira muito importante sobre a alma, que cumpre se considere cativa da carne. Para que essa prisioneira viva se expanda e chegue mesmo a conceber as ilusões da liberdade, tem o corpo de estar são, disposto e forte.

O Espiritismo demonstra-nos as relações que existem entre o corpo e a alma e que, por serem necessários um ao outro, importa cuidar de ambos (trecho resumido do livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”).

Em primeiro lugar é necessário lembrar que nossa origem é espiritual e que para a espiritualidade retornaremos. A forma carnal que habitamos no momento é apenas uma etapa da nossa evolução, entretanto, esta etapa não é apenas uma encarnação e por quantas encarnações temos que passar isto não nos é facultado saber, porque depende do esforço e vontade de cada um em sua ascensão moral e intelectual, o que podemos dizer sim, é que devemos respeito ao corpo que nos é concedido.

O corpo físico na Crosta Planetária representa uma bênção de nosso Eterno Pai (palavras do livro “Missionários da Luz”). Máquina Divina do homem, o tabernáculo sagrado que o Senhor permitiu se formasse na Terra para sublime habitação temporária do espírito (palavras do livro “Os

Mensageiros”)

Para sedimentar o assunto, passaremos abaixo alguns esclarecimentos retirados do livro “Missionários da Luz”, que André Luiz recolhe na espiritualidade durante o seu aprendizado.

“Temos bons amigos no Planejamento de Reencarnações, serviço muito importante em nossa colônia espiritual.

Grande percentagem de reencarnações na Crosta se processa em moldes padronizados para todos no campo de manifestações puramente evolutivas. Mas outra percentagem não obedece ao mesmo programa. Elevando-se a alma em cultura e conhecimento, e, conseqüentemente, em responsabilidade, o processo reencarnacionista individual é mais complexo, fugindo à expressão geral, como é lógico. Em vista disso, as colônias espirituais mais elevadas mantêm serviços especiais para a reencarnação de trabalhadores e missionários.

Quando me refiro a trabalhadores, falo dos companheiros não completamente bons e redimidos, mas daqueles que apresentam maior soma de qualidades superiores, a caminho da vitória plena sobre as condições e manifestações grosseiras da vida. Em geral, como acontece a nós outros, são entidades em débito, mas com valores de boa vontade, perseverança e sinceridade, que lhes outorgam o direito de influir sobre os fatores de sua reencarnação, escapando, de certo modo, ao padrão geral.

O auxílio à reencarnação de companheiros nossos traduz o nosso reconhecimento ao aparelho físico que nos

tem proporcionado tantos benefícios, através do tempo.”

André Luiz nos traz outros esclarecimentos.

“Na espiritualidade “completista” é o título que designa os raros irmãos que aproveitaram todas as possibilidades construtivas que o corpo terrestre lhes oferecera. Em geral, quase todos nós, em regressando à esfera carnal, perdemos oportunidades muito importantes no desperdício das forças fisiológicas. Perambulamos por lá, fazendo algo de útil para nós e para outrem, mas por vezes, desprezamos cinquenta, sessenta, setenta por cento e, freqüentemente, até mais, de nossas possibilidades. Em muitas ocasiões, prevalece ainda, contra nós, a agravante de termos movimentado as energias sagradas da vida em atividades inferiores que degradam a inteligência e embrutecem o coração. O “completista”, na qualidade de trabalhador leal e produtivo pode escolher, à vontade, o corpo futuro, quando lhe apraz o regresso à Crosta em missões de amor e iluminação, ou recebe veículo enobrecido para o prosseguimento de suas tarefas a caminho de círculos mais elevados de trabalho.”

André Luiz questiona a seu companheiro:

— Sabe de algum “completista” que tenha regressado à Crosta?

— Sim.

— Naturalmente terá escolhido um organismo irrepreensível?

— Nenhum dos que tenho visto partir, embora os méritos de que se encontravam revestidos, escolheram formas irrepreensíveis, quanto às linhas exteriores. Solicitaram providências em favor da existência sadia, preocupando-se com a resistência, o equilíbrio, durabilidade e fortaleza do instrumento que os deveris servir, mas pediram medidas tendentes a lhes atenuarem o magnetismo pessoal, em caráter provisório, evitando-se-lhes apresentação física muito primorosa, ocultando, assim, a beleza de suas almas para a eficiente garantia de suas tarefas. Assim procedem, porquanto, vivendo a maioria das criaturas no jogo das aparências, quando na Crosta Planetária, incumbir-se-iam elas próprias de esmagar os missionários do bem, se lhes conhecessem a verdadeira condição, através das vibrações destruidoras da inveja, do despeito, da antipatia gratuita e das disputas injustificáveis. Em vista disso, os trabalhadores conscientes, na maioria das vezes, organizam seus trabalhos em moldes exteriores menos graciosos, fugindo, por antecipação, ao influxo das paixões devastadoras das almas em desequilíbrio. A sedução carnal

é imenso perigo, não só para aqueles que emitem a sua influência, como também para quantos a recebem.”

Como podemos observar, ninguém reencarna por acaso, é uma necessidade de todo espírito para sua evolução e, sendo uma das Leis de Deus, cada criatura ocupa um corpo que lhe é mais bem adequado e enfrenta situações necessárias ao seu progresso, seja por uma medida compulsória em virtude de sua falta de conhecimento moral, intelectual e de responsabilidade sobre si mesmo, ou pelo seu livre arbítrio em busca da sua evolução quando já adquiriu condições para tal empreendimento.

Após estes esclarecimentos, cabe-nos avaliar nossos procedimentos e os caminhos que estamos trilhando.

Observamos um culto desequilibrado à nossa forma física, uma total devoção à aparência, utilizando-se de inúmeras providências para que a beleza física e aparente seja totalmente realçada, deixando de lado o que é verdadeiro e eterno, as qualidades morais. São cirurgias realizadas sem necessidades que tem levado algumas pessoas ao desencarne, a utilização de produtos químicos que levam também tantas outras ao desencarne e, quando não, a uma rejeição do próprio organismo provocando deformações lamentáveis; temos visto uma proliferação de clínicas especializadas em cirurgia plástica, academias, clínicas de massagem e beleza estética, tudo em busca de uma alegria ou felicidade passageira, ou seja, o sonho de uma carreira de modelo ou artística visando à conquista de uma notoriedade e um suposto dinheiro fácil e, até mesmo à procura de um matrimônio baseado na fortuna, procedimentos estes hoje em dia tanto do homem quanto da mulher. Entretanto temos notado um resultado lastimável neste comportamento, as pessoas acabam se envolvendo nas drogas, na libertinagem, na inversão dos valores morais, na desvalorização da família e com isso a base da sociedade está abalada. Em nos comportando dessa maneira estamos nos direcionando à miséria espiritual; com os nossos pensamentos desequilibrados, deformamos nosso perispírito que é o molde do nosso corpo carnal, que por sua vez gerará no futuro uma possível reencarnação compulsória em um corpo enfermo.

Não queremos radicalizar, nem tão pouco generalizar, sabemos das necessidades verdadeiras em busca de soluções para o alívio de nossas dores e enfermidades, o que é uma obrigação para aproveitarmos da melhor maneira possível a nossa encarnação.

São vários os pontos de vista a respeito do cuidar do corpo e do espírito; podemos destacar ainda um momento do qual ninguém fugirá.

André Luiz relata no livro “Os Mensageiros” um ensinamento interessante recolhido na espiritualidade, que abaixo segue.

— Está vendo a máquina divina, formada pelo molde espiritual preexistente? — perguntou Aniceto. O corpo do homem encarnado é um tabernáculo e uma bênção. Nesta hecatombe angustiada de uma existência, pode você reparar que todos os movimentos do corpo estão subordinados à administração da mente. O organismo vivo, André, representa uma conquista laboriosa da humanidade terrestre, no quadro de concessões do Eterno Pai. Cada órgão é um departamento autônomo na esfera celular, subordinado ao pensamento do homem. Cada glândula é um

Clube do Livro Espírita “Joaquim Alves (Jô)”

Informe-se através:

Caixa Postal 42 - CEP 09910-970

Diadema - SP

(11) 4044-5889 (com Eloísa)

E-mail:

contato@espiritismoeluz.org.br



Receba mensalmente obras selecionadas de conformidade com os ensinamentos espíritas.

centro de serviços ativos. É na mente que temos o governo dessa usina maravilhosa. Não possuímos, aí, tão somente o caráter, a razão, a memória, a direção, o equilíbrio, o entendimento; mas, também o controle de todos os fenômenos da expressão corpórea. Cada órgão, cada glândula, meu amigo, integra o quadro de serviço da máquina sublime, construída no molde sutil do corpo espiritual preexistente e, por isso mesmo, chegará o tempo em que a ciência reconhecerá qualquer abuso do homem como ofensa causada a si mesmo.” (trecho resumido)

“Vemos aqui um irmão no momento da retirada. Repare a incapacidade dele para governar as células em conflito. A corrente sanguínea transformou-se em veículo de invasores mortíferos, que não encontram qualquer fortificação na defensiva. Observe e identificará milhões de unidades da tuberculose, da lepra, da difteria, do câncer, que até agora estavam contidos nos porões da atividade fisiológica, pela defesa organizada, e que se multiplicam assustadoramente, de par com outros micróbios tão prolíferos quão terríveis. A nutrição foi interrompida. Não há possibilidades de novos suprimentos hormonais. O agonizante retrai-se aos poucos e ainda não abandonou totalmente a carne por falta de educação mental. Vê-se pelo excesso de intemperança das células, sobre as quais não exerce nem mesmo um controle

parcial, que este homem viveu bem distante da disciplina de si mesmo. Seus elementos fisiológicos são demasiadamente impulsivos atendendo muito mais ao instinto que ao movimento da razão concentrada. A falar a verdade este nosso amigo não está desencarnando, está sendo expulso da máquina divina, onde, pelo que vemos, não parece ter prezado bastante os sublimes dons de Deus.”

Após acompanhar também um trabalho de reencarnação na espiritualidade, André Luiz no livro “Missionários da Luz” diz:

“Admirado e enternecido em minhas fibras mais íntimas, envolvi-me nas preces de agradecimento que formulávamos ao Senhor, reconhecendo o tesouro divino que constituía a dádiva dum corpo carnal para a nossa experiência e aprendizado na superfície da Terra.”

Diante do pouco que foi exposto, pois, existe muito mais do que possamos imaginar, que tal refletirmos melhor sobre o assunto que nos envolve de maneira tão direta, cuidar do corpo e do espírito? Estudemos e aprendamos a viver com Deus em nossos corações.

Roberto Cunha

Material consultado: Livros Os Mensageiros e Missionários da Luz - Francisco Cândido Xavier / André Luiz - FEB; O Evangelho Segundo O Espiritismo - Allan Kardec - Tradução Roque Jacintho - Luz no Lar



Banca de Livros Espíritas “Joaquim Alves (Jô)”

Livros básicos da Doutrina Espírita.
Temos os 414 livros psicografados por Chico Xavier, romances de diversos autores, revistas e jornais espíritas. Distribuição permanente de edificantes mensagens.

Praça Presidente Castelo Branco
Centro - Diadema - SP
Telefone (11) 4043-4500 com Roberto
Horário de funcionamento: 8 às 19h30
Segunda-feira à Sábado

Clube do Livro

CLUBE DO LIVRO

Religião dos Espíritos

Francisco Cândido Xavier /
Emmanuel
FEB - 17ª edição
255 páginas

Além de excelente livro voltado ao esclarecimento, torna-se mais que um livro de leitura seqüencial, obra de consulta e reflexão diária sobre nossas maiores dúvidas. Esclarecimentos que vêm a nos mostrar, cada vez mais, ensinamentos em busca da verdadeira felicidade e exemplos de conduta para o caminho de nosso desenvolvimento espiritual.

A obra foi elaborada no transcorrer de 91 sessões públicas, na Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba. Ao lado de diversos participantes recebeu através de nosso companheiro, Francisco Cândido Xavier, os sábios comentários do espírito Emmanuel.

Baseado no conteúdo dos estudos de Allan Kardec, na preparação da obra "O Livro dos Espíritos", preparada ao lado de diversos colaboradores, vem como um aprofundamento de questões levantadas neste, com exemplos de valores morais a nos mostrar o trajeto a seguir na Seara do Cristo.

Traz a resposta de espíritos em relação a diversas dúvidas como: Aborto, Sofrimento e Eutanásia, Suicídio, Pena de Morte, Sonambulismo, em capítulos como: Jesus e

Humildade, Reencarnação, Responsabilidade e Destino, Doutrina espírita, etc. Respostas para questões que grande parte das vezes não conseguimos ainda encontrar a razão.

Este é apenas um pequeno resumo do contexto da obra que abrange diversos temas entre os mais variados assuntos em seu conteúdo. Uma oportunidade para que, ao lado da Doutrina, nos esclareçamos cada vez mais e entendamos a explicação para grande parte de nossas dúvidas. Respostas que, através do conhecimento da Reencarnação e nossos deveres, nos mostram cada vez mais o significado da Misericórdia Divina.

Marcelo

Conversa de Irmã

Alma irmã, não te amedrontes
Na senda em que te renovas,
Ante o cadinho das provas
Do mundo a te constranger.

Pela bússola da fé
Já conheces como e onde
A obrigação se te esconde
Nos vínculos do dever.

Segue adiante e não temas
As frases cruéis que escutas,
Calúnias, sarcasmos, lutas
Que te buscam destruir.

Esses venenos da estrada
Misturas de treva e lodo,
Desaparecem, de todo,
Se te deténs a servir.

Se a incompreensão te molesta
Por mais que a mágoa te doa,
Suporta, ouvida, perdoa
Nas lides a que te dás;

Quem elege no silêncio
O apoio de cada dia,
Faz-se ponte de harmonia
Para o serviço da paz.

No Lar que o Céu te concede,
Espera-te a confiança,
Se o fel da intriga te alcança
Por sofrimento a transpor,

Converte o fio de sombra
Em convite à tolerância
E apaga ofensa e distância
Para a vitória do amor.

Alma irmã, nunca te esqueças
De que a Terra é a nossa escola,
O que aflige ou desconsola
São sempre lições de luz.

Dificuldade e desgosto
Das horas amarguradas,
Significam tomadas
De ligação com Jesus.

Maria Dolores

*Psicografia de Francisco Cândido Xavier / Espíritos diversos
- Livro "Preito de Amor" - GEEM- 1ª edição - 1993*

A reencarnação é a benção renovadora, pela oportunidade de acertos que Deus nos oferece como misericórdia a caminho da Luz.

Única é a senda a se projetar a esse caminho redentor.

Seu nome é Caridade. A fé surge após a compreensão em que se desvenda o mistério do medo e como resultado

abraça-se aos deveres que deverão ser cumpridos pela Lei do Amor!

Diante das lutas de cada dia e dos empecilhos através das destruições das boas obras, não se deve deter a vontade de continuar mesmo diante às incompreensões do cotidiano.

Aqueles que se propõem a servir o Cristo deverão ter o coração apto a vencer os obstáculos, fazendo-se portadores da Paz.

Dever-se-á ter em mente que o Lar é o cadinho de resgates promissores, para delinear um futuro melhor.

Em cada componente dessa esfera chamada família, uma semente é plantada no terreno fértil da Vida, a vir a produzir a união fraterna, a família Universal.

A ligação com Deus e seu amado filho Jesus induz as criaturas de boa vontade a vencer as angústias, as amarguras e as deficiências mentais, situando-se no trabalho edificante e consolador, em redenção com seus sentimentos e a ajuda ao semelhante, seja ele quem for.

Elielce

Calendário

CALENDÁRIO

Novembra

DIA 01

1918 - Desencarna em Sacramento, MG, Eurípedes Barsanulfo, cristão autêntico, espírita ativo, médium e fundador do Colégio Allan Kardec. Cognominado Apóstolo do Triângulo Mineiro.

DIA 05

1839 - Nasce em Lincolnshire, Inglaterra, Stainton Moses, reverendo protestante, que voltou-se para o Espiritismo, tendo deixado a obra "Ensinos Espiritualistas". Foi o primeiro presidente da London Spiritualist Alliance.

DIA 06

1835 - Nasce em Verona, Itália, Cesare Lombroso. Criminalista, pesquisador e escritor espírita, em experiências com a médium Eusápia Paladino.

1940 - Realizada em Porto Alegre, RS, a primeira Exposição de Jornais, Revistas e Obras Espíritas.

DIA 07

1913 - Desencarna na Inglaterra o cientista e pesquisador espírita Alfred Russel Wallace.

DIA 08

1834 - Nasce em Berlim, Alemanha, Johann Karl Friedrich Zöllner, pesquisador espírita.

DIA 10

1835 - Nasce em Sevilha, Espanha, Amália Domingos Soler, vulto de grande destaque no Espiritismo espanhol.

DIA 13

1932 - Desencarna em Porto Alegre, RS, Angel Aguard, grande publicista espírita.

DIA 14

1849 - As Irmãs Fox realizam as primeiras demonstrações públicas de suas faculdades mediúnicas no Corinthian Hall, em Rochester.

DIA 15

1939 - Realizado no Rio de Janeiro o 1º Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas.

DIA 22

1897 - Desencarna no Rio de Janeiro Júlio César Leal. Foi um dos pioneiros do Espiritismo no Brasil.

DIA 23

1795 - Nasce em Thiais, França, Amélie-Gabrielle Boudet, educadora e escritora. Casou-se com o Professor Rivail (Allan Kardec) e colaborou na divulgação do Espiritismo.

DIA 29

1982 - Desencarna Edgard Armond, ligado à Federação Espírita



do Estado de São Paulo, autor de várias obras espíritas e pioneiro do movimento de unificação.

Esperanto

ESPERANTO

La Esperanto Vive! Um breve relato histórico

O Esperanto completará em 2007 seus 120 anos de vida.

A primeira gramática de Esperanto foi editada em Russo e Esperanto. Era um livreto contendo as 16 regras fundamentais do idioma, um pequeno vocabulário Russo-Esperanto, alguns poemas, pensamentos e orações escritos nessa nova língua.

L.L.Zamenhof, seu criador, trabalhou na construção e melhoramento da estrutura do idioma durante vários anos.

Nos primeiros anos de vida do Esperanto, apareceram adeptos e opositores, e mesmo em meio a vários conflitos ideológicos, aconteceu em 1905 o 1º Congresso Universal de Esperanto, na cidade de Boulogne-Sur-Mer/França, com cerca de 1000 participantes dos mais variados países do mundo. Esse foi o primeiro congresso internacional onde não houve a necessidade de tradutores e intérpretes. Os congressos universais acontecem até hoje, anualmente.

Mas o Esperanto passou a ser ferrenhamente perseguido principalmente por duas classes: lingüistas (alguns) e ditadores.

Durante as 1ª e 2ª Guerras Mundiais, o Esperanto serviu de instrumento de comunicação e auxílio às pessoas que

estavam sofrendo as torpezas da guerra, e apesar disso, muitos de seus adeptos foram executados somente por usarem o idioma.

Quando veio a Guerra Fria, o Esperanto foi considerado “coisa de comunista ou de capitalista”, e por isso perseguidos seus adeptos, dependendo do regime que o acusasse.

Com o fim da Guerra Fria, e o aparecimento da Internet, o Esperanto tomou um novo impulso. Atualmente, existem cerca de: 153.000.000 resultados de busca, pelo Google se a palavra é “Esperanto”; 773 comunidades no Orkut; 30 rádios que transmitem seus programas em Esperanto, dentre elas a Rádio do Vaticano; 50.000 obras literárias; 100 grupos musicais e de dança; 2 emissoras de TV; além de grupos de teatro e uma produtora cinematográfica brasileira que iniciou suas atividades em 2003 e lançou em julho de 2006 seu primeiro filme.

Mais informações, consulte o site: <http://fizuk.sites.uol.com.br/borovko.htm>

Davidson

Núcleo de Estudos Espíritas “Amor e Esperança”

Reuniões: 2ª, 4ª e 5ª às 20 horas
3ª e 6ª às 15 horas
Domingo às 10 horas

Evangelização Infantil: ocorre em conjunto às reuniões

Tratamento Espiritual: 2ª às 19h45
4ª às 19h45
6ª às 14h45

Rua das Turmalinas, 56

Artesanato: Sábado das 9 às 16 horas

Jardim Donini - Diadema - SP

Atendimento às Gestantes: 2ª às 15 horas

O Filho Ingrato

Dr. Raul Cândido Montreal!
Advogado

Sim, pensava ele, que bela placa! Fazia bem aos seus olhos, ao seu ego. Havia conseguido o título tão almejado! E como ficava bem aquela placa, fixada a porta de seu escritório, tão bem montado, com móveis muito bem escolhidos!

Logicamente seus clientes seriam selecionados, ele sabia como alcançar esse desejo. Era comunicativo, bem afeiçãoado em aparência e, acima de tudo, sabia convencer as pessoas, pelas frases e pensamentos bem colocados.

A senhora Clara, mãe de Raul, era viúva, portanto, fora com muito trabalho e várias noites sem dormir, e pelas costuras que realizava como ofício, que conseguira dinheiro para manter o amado filho na faculdade.

Tudo fora conquistado com muito sacrifício. Mas, Raul, que fora criado com muito mimo, não reconhecia o trabalho e o amor maternal.

Era exigente e tinha até certa vergonha de dizer aos colegas que era filho de uma simples costureira, sem nenhuma instrução e que não saberia se comportar a altura dos amigos ricos.

Escondia sua origem humilde.

Não permitiu na sua formatura a alegria de dona Clara vê-lo diplomar-se, alegando que todos achavam por bem não gastar dinheiro com festas e, portanto, o diploma seria entregue no salão de festa da própria escola.

Embora entristecida, dona Clara, chorou, mas de alegria. Finalmente conseguira ver o filho diplomado, sendo agora o doutor Raul. Tinha uma profissão. E ela rogava a Jesus que ele soubesse fazer dessa carreira que, pelo que ouvia falar, era tão difícil e espinhosa. Raul escolhera ser advogado criminalista.

Dona Clara fazia o Evangelho no Lar, mas Raul nunca tinha tempo. Estava sempre ocupado.

O sucesso em sua carreira era marcante. Procurava estar sempre atualizado com as leis. Porém, usava-as ao seu bel-prazer.

Talvez fosse o advogado mais procurado pelas classes abastadas, pois seus argumentos na defesa de seus clientes eram imbatíveis. Seus honorários eram caríssimos. Mas, todos que tivessem algo com a justiça, para prestar contas de seus erros, pouco se importavam em pagar fosse o que fosse ao Dr. Raul, pois sabiam ser “causa” ganha.

Raul passava por cima de toda moral. Fosse o pior dos criminosos, se pagasse bem, sabia o cliente que seria livre.

Após algum tempo, Raul, de muito má vontade, vem a presença da mãe, que poucas vezes o viu após o diploma. Nunca se interessara saber se dona Clara precisava de algo para viver. Seu egoísmo e vaidade não permitiam que visitasse aquela que lhe dera a vida.

Pressionado por parentes, chegou o dia de Raul visitar a mãe. Aproximando-se do leito da enferma, viu a alegria

estampar-se em seu pálido rosto. Com lágrimas nos olhos, dona Clara, pegou-lhe as mãos e beijando-as, puxou o filho para bem perto de seu rosto, dizendo-lhe:

— Meu filho, não esqueça que somos responsáveis pelos nossos atos. Deus nos dá a Vida para aprendermos a caminhar. Sei que deveria ter sido mais presente, para que a fé não lhe faltasse no coração, mas achei que sua vida material teria que ser a melhor, para que nunca lhe faltassem meios para o conforto, que quando criança eu nunca pude lhe dar. Errei, mas ainda há tempo. Faça o bem ao semelhante, filho. Sua profissão poderá ajudar aos transviados do caminho a se reajustarem nas leis de Deus, como você próprio. Faça isto, meu filho, antes que a noite tome conta de sua vida e lhe traga muitas dores e terríveis dificuldades espirituais.

Mas de nada adiantou os rogos de dona Clara. Ela partiu, o tempo passou e Raul continuou vivendo como sempre, absorvido no mal.

Chegou para ele também o dia da partida da Terra para o Além.

Dona Clara tentou ampará-lo, mas nada conseguiu. Raul estava entregue aos comparsas a que se aliara, em aceitar as sugestões para facilitar a propagação do mal, nos corações, como o dele, propensos às crueldades mundanas.

Na espiritualidade, dona Clara procurou pelos orientadores espirituais. Precisava salvar aquela alma. Sua consciência a acusava. Achava-se culpada, pois pouco fez para que o filho acertasse o caminho.

Os orientadores sabiam da dolorosa condição de Raul na espiritualidade. Mostraram a Clara o retorno compromissado a carne, que Raul teria como resgate: seria um deficiente físico e mental.

Clara insistia no retorno como mãe. Faria valer a fé religiosa. O Culto do Evangelho seria feito desde o período de gestação. Clara rogava ao Alto, para que pudesse se redimir junto do filho amado.

Fora-lhe permitido o retorno.

Após longo tempo Raul estava de volta ao plano físico, abrigado nos braços de Clara, que roga continuamente a Jesus, para ter coragem de lutar, tendo ao seu lado um companheiro difícil entregue ao vício da bebida e também por ter como filho um deficiente físico e mental. Mas nada disso importava, pois sentia dentro de si uma enorme alegria em ter em seus braços aquele filho carente de seu amor e que Deus o havia confiado para que ela soubesse conduzi-lo ao seu caminho redentor.

E Clara, tomando “O Evangelho Segundo o Espiritismo” em suas mãos, leu contrita a página aberta no capítulo VI, O Cristo Consolador, nesse trecho que lhe trouxe muita paz:

“Os homens ingratos, porém, se extraviaram do caminho reto e largo que conduz ao reino do meu pai, perdendo-se pelas ásperas sendas da impiedade.”

Havia muito em que meditar!

Eloisa

Lhes estão vivos

“Ainda quando não reconheças, de pronto, semelhante verdade, eles te vêem e te escutam!

Quanto possível, seguem-te os passos compartilhando-te problemas e aflições!

Compadece-te dos que te precederam na Grande renovação!

Aqueles que viste partir de mãos desfalecentes nas tuas, doando-te os derradeiros pensamentos terrestres, através dos olhos fitos nos teus, não estão mortos.

Entraram em novas dimensões de existência, mas prosseguem de coração vinculado ao teu coração.

Assinalam-te o afeto e agradecem-te a lembrança, no entanto, quase sempre se escoram em tua fé, buscando em ti a força precisa para a restauração espiritual que demandam.

Muitos deles, ainda, inadaptados à vida diferente que são compelidos a facear, pedem serenidade em tua coragem e apoio em teu amor...

Outros, muitos, jazem mergulhados na bruma da saudade, detidos na sede de reencontro, ante as requisições continuadas dos teus pensamentos de angústia.

Outros muitos seguem-te ainda...

Aqueles que se despediram de ti, depois de longa existência, abençoando-te a vida.

Os que amaste, indicando-lhes o caminho para as esferas superiores.

Os que levantaste para a luz da esperança e aqueles outros que socorreste um dia, com o ósculo da amizade e da beneficência.

Todos te agradecem, estendendo-te os braços no sentido de te auxiliar a transpor as estradas que ainda te cabem percorrer.

Auxilia aos entes queridos na Espiritualidade, a fim de que

te possam auxiliar!

Se lhes recorda a presença e o carinho, preenche o vazio que te impuseram à alma, abraçando o trabalho que terão deixado por fazer.

Sê a voz que lhes reconforte os seres amados ainda na Terra, a força que lhes execute o serviço de paz e amor que não terminaram, a luz para aqueles que lhes lastimam a ausência em recantos de sombra, ou o amparo em favor daqueles que desejariam continuar te sustentando no mundo!

Compadece-te dos entes queridos que te antecederam na Grande Libertação.

Chora, porque a dor é fonte de energias renovadoras por dentro do coração, mas chora trabalhando e servindo, auxiliando e amando sempre.

E deixa que os corações amados, hoje no Mais Além, te enxuguem as lágrimas, inspirando-te ação e renovação, porque, no futuro, tê-los-á a todos positivamente contigo nas alegrias do Novo Despertar.”

Emmanuel

Não fique triste porque a morte te separou de um amigo ou ente querido.

Deus não é injusto de nos separar eternamente daqueles que temos carinho ou amizade sincera. Um dia nos reencontraremos.

Para a dor da separação, Deus criou o recurso da oração.

Quando esta dor apertar muito, ore pensando na pessoa querida, mas não com tristeza ou angústia e sim com muito amor e carinho, desejando que ela esteja bem, tranqüila, serena, para que no dia do reencontro, tudo ocorra como um retorno de uma viagem.

Vitório

Transformações

A inquietação que nos agita a alma, nestes momentos decisivos de transição espiritual, é um dos sinais dos tempos novos, marcando o compasso da grande evolução da Humanidade.

Cada criatura em todas as latitudes mentais sente no imo d'alma essa vaga intuição de que o mundo humano caminha inexoravelmente para outros horizontes, ao encontro de outros panoramas.

A intuição, porém, algumas vezes é deformada no mundo das emoções individuais, gerando, então essa multiplicidade de almas angustiadas que se desnor-teiam, desejando algo diferente, incapazes, todavia, de definir para si mesmas o que realmente almejam.

O Evangelho, no centro desses embates, é aquele roteiro único e seguro, o caminho da nova vida.

O homem que não se banha na luz do Cristo, nele acolhendo o inovador da existência, sofre e chora, qual nau sem rumo ao sabor das tempestades.

Por mais se atirem contra o Evangelho os filhos do

negativismo, a sua refrega verbal não chegará jamais a adulterar o divino determinismo da evolução.

Milhões de braços, unidos com o propósito de sustar o movimento do Universo, não impediriam o astro maior de ressurgir no horizonte, para madrugada de luz sobre os campos que a loucura bélica lava de sangue.

Inevitável o novo dia do Cristianismo.

Ele renasce de alma em alma; de criaturas simples a criaturas simples, apresentando o próprio coração, para que aí se instale o Reino de Deus.

Empenhemo-nos, pois, ardorosamente, em todos os trabalhos da seara do Senhor, a fim de abreviarmos os dias da amargura que campeia sobre a Terra.

Corporifiquemos o mundo de amanhã, no mundo de hoje, por meio da caridade efetiva em todos os lugares em que nos encontremos. Se o mundo dementado roga por vida nova, a nova vida que já existe em nós deverá externar-se a benefício de muitos.

Roque Jacintho



Órgão divulgador do Núcleo de Estudos Espíritas "Amor e Esperança"
Caixa Postal 42
Diadema - SP
09910-970

Destinatário

IMPRESSO